UMA LEITURA DA GRANDE GUERRA NA PERIFERIA DO CONFLITO: AS REPERCUSSÕES DA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL NO PERIÓDICO PIAUIENSE *DIÁRIO DO PIAUÍ* (1914)

Caio Leonardo da Silva SOUSA, Universidade Federal do Piauí, Brasil, caio.cl7.cl@gmail.com

Johny Santana de ARAÚJO, Universidade Federal do Piauí, Brasil, johnysant@gmail.com

1. Introdução

Este relato foi publicado no principal veículo informativo piauiense do início do século XX, o Jornal *Diário do Piauí*, no dia 05 de agosto de 1914: "O governo decretou feriado de amanhã até dia 15, inclusive ficando suspensos os trabalhos das repartições públicas, exceptuando-se os de caráter administrativo. Esta medida tem por fim beneficiar a Caixa de Conversão, dificultando a retirada de ouro pelos bancos, em consequência da conflagração europeia, agora inevitável" ("A conflagração europeia", 1914, p. 4).

Através deste informativo, percebemos como a conflagração da Primeira Guerra Mundial refletiu em impactos e consequências, não só no continente Europeu, principal palco do conflito, mas também no Estado do Piauí, lugar longínquo, em termos espaciais, das principais frentes da Guerra. Em 1914, o mundo deparou-se com uma das maiores atrocidades da história: o início da Primeira Guerra Mundial. Este conflito, o segundo maior da história, foi se moldando por diversos fatores anos anteriores à conflagração na Europa, por questões políticas, socioeconômicas e territoriais, tanto no continente europeu quanto nas colônias disputadas pelas potências no norte da África.

Além dessas questões, que aparecem com mais relevância na historiografia oficial, o nacionalismo emergente nas potências europeias e fora do continente logo após a Revolução Francesa, no século XIX, e o darwinismo, introduzido por Charles Darwin que, segundo Sondhaus (2013), "propiciaram um alicerce científico para ideologias agressivas e, de forma geral, o nacionalismo racial 'científico' deu esteio à unidade nacional na causa da grandeza nacional" (Sondhaus, 2013, p. 40). Segundo esse pensamento, que se fundamenta no conceito de evolução das espécies e do homem, Darwin defendia que os mais aptos ou adaptados tendem a sobreviver e, no cenário mundial pré-1914, difundiu-se a ideologia de que as nações mais preparadas militarmente tenderiam a se sobressair às demais durante uma possível conflagração mundial.

No entanto, esse conceito também pode ser percebido, bem antes das ideias de Darwin, quando as nações se baseavam no utilitarismo benthaniano, que era uma discussão muito comum com o advento do pensamento iluminista na Europa. Considerada por historiadores como Sondhaus (2013) e Hobsbawm (1995) como uma guerra moderna, diferente de todas

que ocorreram até então, a corrida armamentista nos anos anteriores também foi um dos principais fatores que desencadearam o conflito, "os anos imediatamente anteriores à guerra testemunharam um aumento sem precedentes de gastos militares e navais; em 1913, as seis grandes potências europeias investiam em armamentos 50% a mais do que em 1908" (Sondhaus, 2013, p. 44).

Essa ação por parte dos países europeus, segundo Sondhaus (2013), é vista pelos historiadores e especialistas como um exemplo histórico do "dilema de segurança", isto é, ações desempenhadas por países para assegurar a própria segurança e, com isso, acabaria provocando uma insegurança nos demais países, desencadeando uma corrida armamentista. A corrida naval entre Alemanha e Grã-Bretanha nas décadas anteriores ao conflito mundial, ocasionou aumento significativo do poderio naval desses países, principalmente da Alemanha que, com o plano do almirante Tirpitz, aumentou suas frotas de navios encouraçados e cruzadores com a intenção de aproximar sua capacidade bélica da rival Grã-Bretanha, que já era uma potência nos mares desde o século XIX.

Além desse fato, a Grã-Bretanha, com o desejo de revolucionar sua frota naval, introduziu novos projetos militares, entre os quais o navio de guerra Dreadnought e o cruzador de batalha, com a intenção de substituir o pré-encouraçado e os cruzadores blindados. Em razão desse projeto, os britânicos anularam suas vantagens numéricas de navios nestes moldes, "o que deu aos alemães a oportunidade de alcançar os rivais em força naval" (Sondhaus, 2013, p. 45), ainda que de forma momentânea. Nesse sentido, com o aumento significativo dos aparatos bélicos das potências europeias, o nível de desconfiança aumentava no continente e, conjuntamente, a probabilidade de guerra. É interessante ressaltar que a marinha inglesa sempre foi referência mundial nos padrões de marinhas ao redor do mundo, tendo organização, frota moderna e numerosa, além de se preocupar com a prevenção de doenças.

Em junho de 1914, a região conhecida como Bálcãs, estava em conflito, motivada por disputas territoriais, questões de independência e busca de uma hegemonia por algumas nações, principalmente entre Sérvia e Áustria-Hungria. Sendo assim, em 28 de junho de 1914, o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do Império Austro-Húngaro, ao visitar a cidade de Saravejo, capital da Bósnia, para assistir às manobras militares do exército, teve sua integridade física atingida em decorrência desse conflito. Segundo Sondhaus (2013), "o arquiduque sobreviveu a uma primeira tentativa de assassinato por volta das dez e meia da manhã e continuou seu itinerário, e cerca de 30 minutos depois foi baleado à queima-roupa e morreu, junto com Sophie", sua esposa (Sondhaus, 2013, p. 53). Esse fato, provocado pelo grupo terrorista Sérvio denominado de "Mão Negra", é considerado pela historiografia oficial, como o principal motivo que impulsionou a deflagração da Primeira Guerra Mundial, pois, depois desse fato, algumas nações começaram a declarar guerra umas contra as outras, culminando em agosto de 1914, em duas frentes mundiais: a Tríplice Aliança, formada por Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália, e a Tríplice Entente, composta por Grã-Bretanha, Rússia e França.

Este texto tem como objetivo entender como a guerra foi vista e construída através do periódico piauiense de maior circulação em 1914, o jornal *Diário do Piauí*. A abordagem será feita de maneira analítica, evidenciando desde os primeiros relatos sobre a possibilidade de conflito e, também, outros fatos como o da conflagração europeia. Seguiremos os moldes da *Nova História Militar Brasileira* (2004), organizada por Celso Castro, buscando abordar os fatos e entender a relação e impacto que a guerra causou em outros lugares além do front.

Além deste, a obra *Primeira Guerra Mundial: História Completa (*2013), do historiador Lawrence Sondhaus, será referência básica sobre o contexto geral do conflito. Entretanto, será mantido o padrão de grafia original de cada documento analisado da época, entendendo que é necessário preservar a memória gráfica e a importância histórica do contexto.

2. Os primeiros relatos no jornal piauiense Diário do Piauí e a possibilidade de guerra

Durante os primeiros anos da segunda década do século XX, os jornais piauienses abordavam diferentes fatos em suas edições, desde notícias locais, nacionais, até internacionais. Tanto os mais tradicionais quanto os mais casuais destinavam uma seção no jornal denominada "Exterior", e essas seções, com informações curtas, traziam a maioria das informações de outros países e a maior parte das notícias sobre a Primeira Guerra Mundial, publicadas em edições publicadas nos mais diversos periódicos do estado. Quando a informação era longa e considerada relevante, destinavam-se matérias sobre o acontecimento que ocupavam páginas do jornal.

O jornal *Diário do Piauí* trouxe algumas das primeiras notícias sobre a questão territorial balcânica e a possibilidade de conflito mundial, na edição de nº 82, de 12 de abril de 1914, na cidade de Teresina, com o título "O ano de 1914", apresentando a seguinte informação:

> O ano de 1913 presenciou no Oriente duas guerras e duas pazes, no Ocidente, armamentos formidolosos, como há muito tempo não se via, e, em todas as chancelarias, uma atividade fabril, abalando não raro a opinião pública. A guerra de libertação Balkanica devia por em peleja os dois sistemas de aliança que dividem a Europa. Foi com efeito entre os dois grupos sistemáticos da Tríplice-Aliança e do Tripli-Acordo que se jogou a partida diplomática enquanto a partida militar em jogada entre os beligerantes. Pode afirmar-se que, se a paz geral não foi perturbada, foi graças ao sentimento profundo mantido em cada capital, o sentimento de solidariedade das duas partes, graças à consciência muito nítida do perigo. Sustentando embora, no curso das guerras e negociações, interesses opostos, as seis grandes potências timbraram em manter no seu procedimento um contato contínuo que, por vezes proceloso, acabou, afinal de contas, amortecendo os choques e prevenindo as rupturas. ("O ano de 1914", 1914, pp. 3-4).

Através desta citação, podemos perceber que o sentimento de guerra já estava presente entre os países do sudeste europeu da região conhecida como Bálcãs e que, segundo Sondhaus (2013), desde 1453 "passou a servir como ponte entre a Europa e o Oriente Médio muçulmano" (Sondhaus, 2013, p. 30). Além desse fato, os conflitos impulsionados por estas disputas territoriais eram influenciados pela busca de algumas nações por uma saída para o mar. Sendo assim, em 1912, com o desejo de anexar territórios pertencentes à Turquia, quatro países (Bulgária, Sérvia, Montenegro, Grécia) decidiram criar a Liga Balcânica na tentativa de se mobilizar para esta guerra. Essas nações tinham como principal interesse aumentar seus territórios e população, na busca de se tornarem grandes potências, ocasionando atritos entre os países da região.

Além das disputas e questões territoriais dos povos balcânicos na Europa, o apoio das superpotências e seus diplomatas às pequenas nações também influenciou a divisão dos interesses dos dois eixos de guerra. Isso é evidente, na edição 88 de 19 de abril de 1914 do Jornal *Diário do Piauí*, cuja seção, com o título "FILMS: uma grande crise", traz uma matéria que argumenta sobre uma crise nas nações mundiais, provocadas pelo desejo revolucionário que abala a fraternidade entre as nações e por conta dos diferentes interesses de grupos humanos. O mesmo esclarece que esse mal-estar geral entre as nações, principalmente as europeias, é resultado da tirania crescente do capital, que resulta no descontentamento das classes proletárias e no nascimento de correntes socialistas com ideais diversos, além do militarismo que, segundo a matéria, provoca uma "febre intensa de armamento, cria esse ambiente pesado e essa situação melindrosa da paz armada" (Mendes, 2014, pp. 1-2). Entretanto, além destes fatos, logo em seguida o texto trará a questão dos Bálcãs, que diz:

> O telégrafo agora mesmo anuncia-nos que estão tensas as relações da Alemanha e da Rússia e que a visita próxima e esperada de Kaiser a Romênia visa diminuir a influência Slava no país, que ora virtuoso papel assume na atual situação dos Balkans. No que dará essa atitude de francas hostilidades? Resta-nos esperar. O que desde já podemos assegurar é que falar na Alemanha e na Rússia é falar na "Tríplice-aliança" que conta além d'aquela com a Áustria e a Itália e na "Tríplice-entente" que põe ao lado destas mais a Inglaterra e a França. Imaginar um choque armado entre as duas tríplices, equivale imaginar uma pavorosa conflagração europeia, conflagração que seria fatal, cedo ou tarde, pelo rompimento desse falto dique que se nos afigura a paz em pé de guerra (Mendes, 1914, pp. 1-2).

Além da visita do imperador alemão Guilherme II (popularmente conhecido como *Kaiser*[1]) à Romênia, percebe-se que a formação dos dois eixos de embates na guerra já estava consolidada. A matéria enaltece, de um lado, a Tríplice Aliança, com a Alemanha, Itália e Áustria-Hungria, e do outro, a Tríplice Entente, composta pela Rússia, Inglaterra e França. Além disso, é interessante ressaltar como o cenário que se configurava na Europa, além de despertar a preocupação em outras partes do mundo, também reverberava no Piauí, principalmente a partir do desdobramento da Segunda Guerra Balcânica de 1913, quando a imprensa piauiense começou a receber e abordar com mais intensidade esses embates, interesses e o advento dos dois eixos. Entretanto, essas disputas territoriais enalteciam o nacionalismo dos países pertencentes à região, pois esses sentimentos juntamente com as conquistas de territórios alimentavam a ambição, como ressalta o autor Sondhaus (2013) ao falar das hostilidades entre os povos Bálcãs, entre 1912 e 1913, que deixou as suas nações mais fervorosas, "na medida em que, embora tivessem saído do conflito com território ampliado e populações maiores, todos os países balcânicos ainda alimentavam ambições maiores, em especial as da Sérvia, que só poderiam ser consumadas às custas do desmembramento da Áustria-Hungria" (Sondhaus, 2013, p. 47).

[1] Designação alemã de Imperador, derivada do latim Caesar que significa (César), através do grego e do gótico. Foi tomado por empréstimo de denominação do ditador romano Júlio César (44 a.C.). É sinônimo de Rei, soberano.

Com essa passagem, compreende-se como o nacionalismo estava ardente e presente não só nas grandes potências da época, mas também nos pequenos países das nações Bálcãs, influenciados por elementos como o darwinismo que, ideologicamente, expandiu entre as comunidades europeias o imaginário de evolução das sociedades, ou seja, para que um país ou nação pudesse ser considerado "grande potência" e respeitado por seus pares, teria que ser bem estruturado em termos bélicos, territoriais e econômicos. O elemento bélico torna-se importante, atrelado ao imaginário de grandeza nessas comunidades emergentes, já os territoriais, como já ressaltado, vêm desse o Iluminismo.

Durante a corrida armamentista e as disputas territoriais antecedentes ao estouro do conflito, algumas nações do ocidente tiveram grande crescimento econômico e industrial, como ressalta Sondhaus (2013): "durante as duas décadas anteriores ao início da Primeira Guerra Mundial, Estados Unidos e Japão juntaram-se ao grupo das grandes potências, antes limitado a países europeus" (Sondhaus, 2013, p. 45). Esse último adotou uma política de modernização que dava início a uma nova era japonesa, designada na edição nº 139 do jornal *Diário do Piauí*, de 21 de junho de 1914 como "moderno império industrial" ("A crise japonesa", 1914, pp. 1-2). Esse crescimento veio principalmente depois da guerra contra a Rússia, conhecida como Guerra Russo-Japonesa nos anos de 1905-1906, que teve como resultado a anexação de territórios como Taiwan e Coreia. Esses fatos se confirmam quando Sondhaus (2013) diz que "a guerra contra os russos confirmou a ascensão do Japão como grande potência, bem como expôs as fraquezas da Rússia" (Sondhaus, 2013, p. 35). A matéria que vinha com o título de "A crise japonesa", abordou esse fato, noticiando que:

> Finalmente, a guerra contra a Rússia, elevando o Japão a posição de uma das grandes potências, colocou o Império do Sol Nascente em um contato tão íntimo com o resto do mundo civilizado que nos últimos nove anos a influência das ideias ocidentais tem argumentado com espantosa rapidez. Mas o principal elemento da europeização do Japão foi o desenvolvimento industrial daquele país. Com a criação de grandes indústrias surgiram no Japão dois fatores sociais inteiramente desconhecidos na antiga vida nipônica; o proletário e o milionário ("A crise japonesa", 1914, pp. 1-2).

É interessante ressaltar que, apesar do crescimento industrial no Japão durante esse período, a matéria traz dois problemas emergentes: o proletariado e os milionários, que segundo a mesma, eram fatos desconhecidos na antiga vida dos japoneses. O título, que provoca uma ideia de "crise econômica", além de trazer fatores sobre a questão socioeconômica japonesa faz alusão também para a "formação de um proletariado numeroso e de uma pequena plutocracia, subitamente enriquecida com o desenvolvimento das indústrias, foram os resultados que essas novas forças produziram sobre a têmpera moral da nação" ("A crise japonesa", 1914, pp. 1-2). Pouco mais de um mês depois dessas notícias, o mesmo veículo noticioso traria a informação daquele que seria o estopim da Primeira Guerra Mundial, na edição 170 e 171 em 29 de julho de 1914. Porém, o que se entende é que eram vários conflitos já em seus limites, e qualquer acontecimento relevante poderia despertar a Grande Guerra. A matéria foi publicada com o título "A tragédia de Saravejo: O ódio Sérvio leva ao túmulo os príncipes herdeiros do throno austríaco" e noticiava:

> A tragédia de Saravejo é uma nova e terrível lição que os povos francos infligem às grandes nações imperialistas. Aliados de

> Guilherme II, cujo alto sonho de conquista compreendia e sonhava também, o arch-duque Francisco Fernando não podia ser amado nem mesmo suportado pelos pequenos povos dos Balkans. O seu advento ao trono de Francisco José acarretaria, facilmente, a absorção da Sérvia, da Bulgária, do Monte-negro e da Rumania, pois que a sua ambição maior foi sempre, como era notório e ele mesmo propagava, levar por toda parte do Oriente a espada e a coroa dos Habsburgo [...] ("A tragédia de Saravejo", 1914, pp. 2-3).

Esta notícia faz referência à tragédia que vitimou o herdeiro do Império Austro-Húngaro, arquiduque Francisco Ferdinando, e sua esposa Sofia, Duquesa de Rosenberg. O incidente, como mencionado anteriormente, aconteceu em 28 de junho de 1914, na cidade de Saravejo, capital da Bósnia e Herzegovina, e foi considerado pela historiografia como o acontecimento principal que deu início à Primeira Guerra Mundial. A execução do arquiduque havia ficado sob responsabilidade do grupo terrorista denominado "Mão Negra", uma sociedade secreta que, em seus primórdios, foi fundada com o nome de "União da Morte", atuando como uma organização nacionalista Sérvia no desempenho de ações terroristas, como forma de alcançar pretensões políticas. O seu poder de atuação era possível pelo fato deles terem conexões com movimentos políticos que buscavam a unificação dos povos eslavos e até mesmo com o governo da Sérvia.

No dia 30 de junho de 1914, o Jornal *Diário do Piauí* continuou a abordagem com outros detalhes minuciosos sobre o assassinato do Arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia, na edição 171, divulgada na capital do Piauí, Teresina. A matéria ainda trazia o mesmo título "A tragédia de Saravejo: O ódio Sérvio leva ao túmulo os príncipes herdeiros do throno austríaco", assim como a edição 170. A reportagem ocupava a segunda página do periódico e, abaixo do título, ressaltava-se, entre parênteses, "Conclusão", advertindo que seria o complemento e última abordagem direta sobre o fato. Antes das informações, a matéria provocava o leitor com a seguinte pergunta: "A tragédia de Saravejo será o último golpe do destino?":

> Afinal, hante-ontem mais um terrível golpe acaba de ser vibrado na família Habsburgo. O archi-duque Francisco Ferdinando e sua esposa cahiram vítimas de um bárbaro atentado, semelhante ao do Terreiro do Poço, em Lisboa, em que foram trucidados D. Carlos e seu filho, o príncipe D. Luiz. Quando o cortejo em que seguiam os herdeiros do trhono imperial marchava em direção á Municipalidade, um typhografo, por nome Cabrinovie, natural de Trebinje (Herzegovina), arremessou contra a carruagem do arch-duque uma bomba cheia de pregos e cujo envolueiro era constituído por uma garrafa. A bomba bateu no assento trazeiro do carro, cahiu no chão e explodiu justamente quando sobre ella passava a segunda carruagem, onde seguiam vários membros da comitiva, entre os quaes o coronel Merrizo, ajudante de campo do archi-duque, que foi atingido no pescoço por um estilhaço, e o conde de Booszu-Walderck, que também ficou ferido. Além dessas também ficaram feridas mais nove pessoas. O pânico que então se estabeleceu foi enorme, fugindo desordenadamente a maior parte do povo que se encontrava nas ruas, enquanto os agentes de polícia e soldados effectuavam a prisão de Cabrinovic. [...] (A tragédia de Saravejo, 1914, p. 2).

É importante atentar à riqueza de detalhes que a matéria traz ao leitor do periódico, complementando a edição anterior 170. A matéria enfatiza que o "golpe" realizado na cidade de Saravejo contra o herdeiro do Império Austro-Húngaro e sua esposa, abalou toda a família Habsburgo, dinastia à qual Francisco Ferdinando pertencia. Diante da visita a Saravejo, onde o arquiduque Francisco Ferdinando e sua esposa Sofia passeavam de carro aberto e haviam sobrevivido a uma primeira tentativa de assassinato na manhã do mesmo dia, a notícia ressalta a atuação do jovem Cabrinovic, um dos conspiradores do grupo Mão Negra, grupo que ficou conhecido como responsável pelo ataque.

O jovem arremessou uma bomba na carruagem em que autoridades do alto escalão da Áustria-Hungria estavam a bordo, incluindo o arquiduque e sua esposa, "e cerca de 30 minutos depois foi baleado à queima-roupa e morreu, junto com Sophie. A polícia capturou o assassino, um bósnio de 19 anos chamado Gavrilo Princip, na cena do crime, e no mesmo dia prendeu seus conspiradores" (Sondhaus, 2013, p. 53), incluindo Cabrinovic. Este atentado ficou conhecido como o estopim que deu início ao conflito mundial, e que perdurou até 11 de novembro de 1918.

3. "Os últimos dias da humanidade": O início do conflito mundial e sua repercussão no periódico piauiense Diário do Piauí

A passagem do célebre historiador Eric Hobsbawm em sua obra *Era dos Extremos* (1995), mostra-nos o medo e incertezas daqueles que viveram os primeiros acontecimentos no início da conflagração mundial:

> "As luzes se apagam em toda a Europa", disse Edward Grey, secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha, observando as luzes de Whitehall na noite em que a Grã-Bretanha e a Alemanha foram à guerra. "Não voltaremos a vê-las acender-se em nosso tempo de vida". Em Viena, o grande satirista Karl Kraus preparava-se para documentar e denunciar essa guerra num extraordinário drama-reportagem a que deu o título de *Os últimos dias da humanidade*. Ambos viam a guerra mundial como o fim de um mundo, e não foram os únicos. Não foi o fim da humanidade, embora houvesse momentos [...] (Hobsbawm, 1995, p. 25).

Em meio a um cenário até então inédito, pois, nunca na história da humanidade havia se configurado um conflito em proporções globais, o medo da morte ou da dizimação da humanidade pode ser percebido pelas declarações do secretário das Relações Exteriores da Grã-Bretanha e do artista Karl Kraus. Esse sentimento de medo e insegurança não ficou restrito apenas às comunidades europeias, disseminando-se por todo o globo terrestre.

Distante de qualquer outra guerra até então, o início da Primeira Guerra Mundial além de trazer o sentimento de incertezas pelo que estava por vir, também despertou entre os contemporâneos o temor do "fim do mundo" ou "fim da humanidade", pois os embates anteriores ocorridos entre as nações eram entre países específicos e duraram apenas meses ou pouco mais de um ano. Mesmo que a guerra inicialmente só contasse com a participação de países do continente europeu, ou melhor; das chamadas seis grandes potências, o imaginário a respeito do conflito não ficou restrito apenas ao continente ou comunidades próximas, se alastrando também até o Piauí. Podemos perceber isto, quando o Jornal *Diário*

do Piauí nos mostra que "os jornais desta capital publicam segundas edições para satisfazer a curiosidade publica a respeito da guerra; entretanto, as notícias pouco adiantam" ("Telegramas", 1914, p. 1).

Percebe-se receio e curiosidade emergentes no imaginário da população piauiense, provocados pela novidade e pelo receio da guerra. Mesmo que o continente fosse "considerado" distante nos moldes da época, a segunda década do século XX também ficou conhecida como um período de inovações tecnológicas que deixavam as fronteiras entre países mais próximas, sobretudo, devido às notícias que chegavam por um serviço de radiofonia chamado ""Telegramas": serviço especial do *Diário do Piauí*", e eram publicados nos jornais locais. Portanto, ainda nessa edição podemos verificar que o início do conflito já era abordado no periódico, além de influenciar diretamente nas negociações do governo brasileiro, percebemos isso quando a notícia informa que "as negociações do empréstimo externo caminham a passos largos, esperando a solução esta semana. Seu término é dependente da guerra sérvio-austríaca" ("Telegramas", 1914, p. 1).

Entretanto, junto à conflagração mundial, iniciava-se no Brasil um longo período de crise financeira, provocado pela queda nos preços das exportações de café, principal produto da economia brasileira, que acarretaria também a diminuição da capacidade de importação do país. A solução que o governo de Venceslau Braz (1914-1918) tomou para tentar se sobressair dessa crise foi tentar empréstimo junto a bancos e repartições financeiras estrangeiras.

Em 1914, a base da economia brasileira era agroexportadora e o café constituía seu principal produto de exportação. Com o início do conflito mundial, o Brasil perdeu os investimentos dos países que estavam envolvidos no conflito, uma vez que essas nações diminuíram seus investimentos em produtos alimentícios brasileiros para investir apenas em armamentos para o *front* de guerra e em itens considerados essenciais. Como todo o Brasil sofria com a crise financeira provocada pelo início da guerra, esta situação também afetou o Piauí, pois a não concretização do empréstimo financeiro frente a essas nações implicaria o não recebimento de repasses financeiros do Governo Federal, que ficou mais distante com o desenrolar da guerra entre a Sérvia e Áustria-Hungria, combate considerado como o estopim inicial da Primeira Guerra Mundial. Nesse contexto, a edição nº 158 do Jornal *Diário do Piauí*, trouxe uma série de informações importantes sobre os primeiros dias de conflito, tanto do exterior como sobre o posicionamento das autoridades brasileiras.

As primeiras notícias estão na seção "Exterior", vindas de Berlim, capital alemã, referentes ao dia 1º de agosto, expondo o seguinte acontecimento: "A imprensa toda faz cerrados ataques à Rússia, dando-a como responsável pela conflagração da Europa por ter mobilizado o seu exército quando, ao contrário, podia o *Czar*[2] interceder em favor da paz no conflito entre a Sérvia e a Áustria" ("Telegramas", 1914, p. 2). A indignação da Alemanha deu-se pelo fato da Rússia, que tinha uma aproximação com a Sérvia, não intervir em prol da paz entre

[2] Foi um título usado por monarcas do império Búlgaro desde o ano 913 e pelo império Russos entre 1546 e 1917. O título foi adotado por Ivan IV (1530-1584) da Rússia como um símbolo de natureza da monarquia russa.

a Sérvia e Áustria, e "então, no dia 26, a Rússia começou seu 'período preparatório para a guerra', uma pré-mobilização baseada nas decisões tomadas pelo *Czar* e seus ministros no dia anterior" (Sondhaus, 2013, p. 66). Essa edição nº 176 trouxe uma série de informações sobre o conflito, além de notícias vindas da Rússia, e também abordou notícias da Inglaterra, França e de algumas capitais europeias, como Berlim, onde as notícias vindas da capital alemã diziam que "o Kaiser, aclamado pela multidão, falou d'uma janella do palácio imperial e terminou a sua allocução dizendo que a guerra exigirá sacrifícios enormes, mas mostrará aos inimigos que os ataques a Alemanha são sempre perigosos" ("Telegramas", 1914, p. 2).

Logo em seguida, a mesma seção informava sobre a capital Berlim, que "jornais publicam telegramas trocados entre *Czar* e o *Kaiser* e procuram provar que a Alemanha cogitava de obter da Áustria um acordo, quando a mobilização do exército da Rússia veio a dificultar as negociações nesse sentido" ("Telegramas", 1914, p. 2). Entretanto, ressalta-se a importância do chanceler Bismarck na aliança com a Áustria-Hungria que culminaria na formação da Tríplice-Aliança em 1914. A França, desde sua derrota em 1871, era uma das grandes inimigas da Alemanha, que a todo custo tentava impedir qualquer aproximação do país com os seus adversários. Ainda nesta edição, em relação à mobilização do exército Russo no império Austro-Húngaro, telegramas vindos de Londres informavam que "a Alemanha acaba de enviar um *ultimatum* a Rússia, para esta potência suspender a mobilização de seu exército dentro de 12 horas e a França para esta dizer, se manterá neutralidade no caso de uma guerra da Alemanha contra a Rússia" ("Telegramas", 1914, p. 2).

Todavia, apesar do desejo de neutralidade da França, enaltecido pelo jornal, em caso de guerra entre as duas potências, com a industrialização do império alemão anterior a esse fato, este lançou investimentos no seu exército em busca de uma esquadra mais poderosa. Além disso, se tornou a segunda maior frota naval da Europa. Portanto, os altos investimentos no exército e na frota naval acarretaram consequências graves aos alemães, segundo Sondhaus (2013) "a esquadra mais prejudicou do que beneficiou os interesses estratégicos da Alemanha, impelindo a Grã-Bretanha a se bandear para o lado de seus tradicionais rivais, França e Rússia, além de consumir mais de um terço do orçamento destinado à defesa nacional" (Sondhaus, 2013, p. 22).

Esses acontecimentos revelam a consumação das duas frentes de embates na Primeira Guerra Mundial, a Tríplice-Aliança e Tríplice-Entente. Na página três da edição nº 167, assinalava-se o posicionamento do governo brasileiro frente a esses acontecimentos provenientes da Europa. Esse pronunciamento foi enviado a todos os estados da nação. O periódico enaltece que o Exm. Sr. coronel vice-governador do Estado em exercício, recebeu o seguinte despacho do Palácio Presidencial:

> Comunico a V. Ex. que, atendendo as graves circunstâncias criadas pela guerra europeia e tendo em vista os supremos interesses da nação o Sr. Presidente da República decretou, hoje, feriado nacional de amanhã em diante até o dia 15 do corrente inclusive, ficando suspensos todos os atos impraticáveis nos dias feriados por lei, excetuados os atos das repartições públicas de caráter administrativos, menos a caixa de conversão. Peço a V. Exc. Tornar pública esta medida de caráter urgente. Cordiais saudações Herculado de Freitas. Ministro da Justiça ("Palácio Presidencial", 1914, p. 3).

Em 1914, o governador piauiense era Miguel de Paiva Rosa, que governou o estado de 1º de julho de 1912 a 1º de julho de 1916. Através do comunicado no periódico, é possível perceber que, no ato de sua execução, o governador não estava em exercício e que o então presidente da República, Venceslau Braz, sob o amparo do ministro da Justiça, Herculano de Freitas, exigiu que os representantes de cada estado seguissem as orientações do governo federal de decretar feriado do dia 5 de agosto até ao dia 15 de agosto, por conta das circunstâncias no país provocadas pelo embate mundial. O governo de Miguel Rosa ficou bastante marcado pela crise econômica provocada pela Primeira Guerra Mundial e pela seca que assolou o Piauí em 1915. Esses fatos foram responsáveis por uma severa crise que abalou a economia estadual durante o período de guerra (Bastos et al., 1994). Sendo assim, a edição nº 267 do *Diário do Piauí* torna-se importante por mostrar uma matéria que exemplifica bem o sentimento do povo piauiense, quando a imprensa local passou a trazer com mais frequência notícias sobre o conflito. Uma notícia muito importante nessa edição foi a das declarações de guerra na Europa, com o título "Treze declarações de guerra", a matéria trazia:

> Um dos jornais de Paris publica a lista das declarações de guerra que foram dirigidas durante o último mês. Foi precisamente em 28 de julho que a série começou pela declaração de guerra da Áustria à Sérvia. A essa cilada, pela qual o Imperador Francisco José prelúdio a celebração de seus 85 anos de idade, sucederam-se as seguintes declarações de guerra: Da Alemanha à Rússia em 1 de agosto. Da Alemanha à França, em 3 de agosto. Da Alemanha à Bélgica, em 4 de agosto. Da Inglaterra à Alemanha, em 4 de agosto. Da Áustria-Hungria à Rússia, em 5 de agosto. Do Montenegro à Áustria, em 5 de agosto. Da Sérvia à Alemanha, em 6 de agosto. De Montenegro à Alemanha, em 11 de agosto. Da França à Áustria-Hungria, em 11 de agosto. Da Inglaterra à Áustria, em 23 de agosto. Do Japão à Alemanha, em 23 de agosto. Da Áustria à Bélgica, em 29 de agosto. Ao todo são 13 declarações! Mas, ao que parece não ficará nesse número aziago, pois fala-se com insistência em mais duas: a Turquia a Grécia e a Itália a Áustria ("Treze declarações de guerra", 1914, p. 1).

Nota-se que, além do número de declarações de guerra publicado no periódico, esse número poderia ser ainda maior, pois, a cada momento uma nação declarava guerra à outra. À medida que as notícias chegavam da Europa, esses números cresciam gradativamente e eram atualizados. Na página 2 do periódico, uma matéria com o título "A culpa sangrenta da Inglaterra na Guerra Mundial", foi publicada. Tratava-se de uma declaração de Ernest Haeckel (1914) concedida à imprensa norte-americana e reproduzida no Brasil, foi também publicada no jornal *Diário do Piauí*:

> Horrorizada e atordoada está a humanidade civilizada, há oito dias, diante de uma das maiores catástrofes da história universal inteira, diante do rompimento repentino de uma guerra mundial, cujas consequências terríveis são de todo incalculáveis. Tudo o que a humanidade sofredora tem aturado até agora em desgraças bélicas em massa, de devastações de países, de aniquilamento de famílias, tudo se apaga diante desse incêndio universal que ameaça tragar a civilização inteira, obtida em labores pecados durante seis mil anos [...] (Haeckel, 1914, pp. 2-3).

Ernest Haeckel era um importante biólogo, médico, filósofo, naturalista, professor e artista alemão conhecido como um dos principais popularizadores do trabalho de Charles Darwin. Diante da citação, observa-se que, na matéria por ele produzida, a humanidade civilizada encontrava-se "horrorizada e atordoada" havia basicamente oito dias, exemplificando os dias de conflito. Na publicação, Haeckel trata o desfecho da guerra como uma das maiores catástrofes da história universal inteira, diante de um rompimento repentino de uma "guerra mundial" que traria consequências incalculáveis para o mundo, evidenciando que tudo que a humanidade "sofredora" havia suportado até a época foram desgraças bélicas, as quais geraram matanças em massa, devastações de países, aniquilamento de famílias, entre outros.

Além disso, trata os episódios como algo que poderia levar ao extermínio da população mundial, ao argumentar que "tudo se apaga diante desse incêndio universal que ameaça tragar a civilização inteira, obtida em labores pecados durante seis mil anos" (Haeckel, 1914, pp. 2-3). Portanto, o pesquisador alemão, em declarações feitas a imprensa norte-americana, assim como destaca Sondhaus (2013), "o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como "Primeira Guerra Mundial", em sua previsão de que a luta que começava "se tornar[ia] a primeira guerra mundial no sentido pleno da palavra" (Sondhaus, 2013, p. 14). Por fim, podemos perceber que as declarações concedidas por Haeckel (1914), além de rodar o mundo chegando até o Piauí, foram também as primeiras a empregar o termo que daria nome ao conflito que mudaria os rumos da história a partir de 1914: "A Primeira Guerra Mundial".

4. Considerações Finais

Por fim, o jornal *Diário do Piauí*, um dos mais tradicionais e principais veículos informativos piauienses em 1914, através de sua imprensa diária, possibilita o acesso a uma série de informações e notícias sobre o conflito que perdurou de 1914 a 1918. O jornal é de suma importância para que se compreenda o conflito sob olhares piauienses, pois permite construir uma narrativa do conflito à medida que aborda informações desde os primeiros relatos sobre a possibilidade de guerra até o início da guerra e os seus desenrolares durante todo o primeiro ano do conflito. O jornal era financiado pelo Governo do Estado e, em razão da crise econômica com o advento da Grande Guerra, encerrou suas atividades ainda em 1914, não foram encontradas outras edições em anos subsequentes.

Em 1914, o Piauí contava a tecnologia do telégrafo, na época o principal meio de comunicação e informação. Através de mensagens chamadas de telegramas, que chegavam de várias partes do Brasil e do mundo, os jornais de sua capital mantinham-se informados sobre os acontecimentos da época. A introdução de novas tecnologias no mesmo ano do início do conflito contribuiu para que ele fosse muito divulgado e discutido no principal periódico da capital piauiense, o conhecido *Diário do Piauí*. Nos anos posteriores a 1914, outros periódicos passaram a abordar com mais frequência o conflito, tornando a guerra discutida tanto em âmbito local quanto nacional, sendo possível identificar os posicionamentos dos jornais, bem como da opinião da elite intelectual piauiense que dirigia desses veículos e o seu impacto na sociedade. Por fim, este trabalho possibilitou uma assimilação de como foram abordados e publicados os primeiros relatos e informações sobre a Primeira Guerra Mundial, um conflito que provocou diversas mudanças no mundo e que são percebidas e estudadas até os dias de hoje.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de contribuir com uma publicação tão relevante para historiografia piauiense, sobretudo no campo da História Militar, abordando aspectos importantes da repercussão e impacto da Primeira Guerra Mundial na imprensa do Piauí, constituindo-se como um tema e evento muito grandioso e ainda pouco explorado pela historiografia piauiense. Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Johny Santana de Araújo, pela parceria e pela contribuição para a construção deste texto. Agradeço também ao Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco por ter nos apresentados o evento *Todas as Artes/ Todos os Nomes*, bem como pelos diálogos que contribuíram para a estruturação do trabalho.

Financiamento

Esta pesquisa foi possível através do financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI). Mostrando-se uma instituição séria e dedicada ao apoio e incentivo à pesquisa científica no Estado.

Referências

Bastos, C. A. (1994). *Dicionário histórico geográfico do Estado do Piauí*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

Burke, P. (1991). *A revolução francesa da historiografia: A Escola dos Annales, 1929-1989*. Editora Universidade Estadual Paulista.

Burke, P. (Org.). (1992). *A escrita da história: Novas perspectivas*. UNESP.

Castro, C., Izecksohn, V., & Kraay, H. (2004). *Nova história militar brasileira*. FGV.

Chaves, J. R. F. (1994). *Apontamentos biográficos e outros*. Fundação Cultural Monsenhor Chaves.

Hobsbawm, E. (1995). *A era dos extremos: O breve século XX, 1914-1991*. Companhia das Letras.

Hobsbawm, E. (1990). *Nações e nacionalismo desde 1780*. Paz e Terra.

Rêgo, A. R. (2008). I*mprensa piauiense: Entre a literatura e a política* (Tese de doutorado, Universidade Metodista de São Paulo). Repositório Institucional.

Rêgo Neto, H. N. (1974). *Fatos da história do Piauí*. APEC.

Sondhaus, L. (2013). *A Primeira Guerra Mundial: História completa* (R. Cataldo, Trad.). Contexto.

Sodré, N. W. (1979). *História militar do Brasil*. Civilização Brasileira.

Sousa, C. L. S. (2018). A *repercussão da primeira guerra mundial através dos jornais piauienses* (Trabalho de conclusão de curso de graduação). Universidade Federal do Piauí.

Wehling, A. (2001). A pesquisa da História Militar Brasileira. *Revista da Cultura*, 1(1), 35-41.

Artigos de jornal

A conflagração europeia. (1914, 5 de agosto). *Diário do Piauí*, 4(176), 3.

A crise japonesa. (1914, 21 de junho). *Diário do Piauí*, 4(139), 1-2.

A tragédia de Saravejo. (1914, 29 de julho). *Diário do Piauí*, 4(170), 2-3.

A tragédia de Saravejo. (1914, 30 de julho). *Diário do Piauí*, 4(171), 2.

Haeckel, E. (1914, 24 de novembro). A culpa sangrenta da Inglaterra na Guerra Mundial. *Diário do Piauí,* 4(267), 2-3.

Mendes, S. (1914, 19 de abril). FILMS: Uma grande crise. *Diário do Piauí*, 4(88), 1-2.

O ano de 1914. (1914, 12 de abril). *Diário do Piauí,* 4(82), 3-4.

Palácio presidencial. (1914, 25 de julho). *Diário do Piauí*, 4(167), 3.

Telegramas: Serviços especiais do Diário do Piauí. (1914, 4 de agosto). *Diário do Piauí*, 4(175), 1.

Telegramas: Serviços especiais do Diário do Piauí. (1914, 5 de agosto). *Diário do Piauí*, 4(176), 2.

Treze declarações de guerra. (1914, 24 de novembro). *Diário do Piauí*, 4(267), 1.